

Lamy: câmbio flutuante reduz o déficit externo e país volta a crescer em 2000

Para especialista, PIB deve cair 5% este ano, menos do que com o câmbio fixo

Gustavo Villela

• Especialista em câmbio, o economista José Alfredo Lamy, diretor-geral da Liberal Asset Management — do Grupo Bank of America, que administra US\$ 250 bilhões em todo o mundo — está otimista com a liberação cambial no Brasil. Lamy, que é formado na PUC-Rio e doutor pela FGV, diz que o país se livrou do grave problema do déficit nas contas externas ao desvalorizar o real. Segundo ele, depois de atravessar a recessão em 99, o país vai voltar a crescer já no ano que vem.

— O Brasil não perde mais reservas com o câmbio flutuante. Vamos ter uma inversão muito bonita na balança comercial, saindo de um déficit de US\$ 6 bi para um superávit acima de US\$ 5 bi em 99. Já o déficit em transações correntes (balança comercial e de serviços) deve cair à metade, para algo em torno de 2% do PIB, contra os 4,5% de hoje — disse Lamy.

Para o economista, com a liberação do câmbio o país terá uma recessão menor do que a prevista

antes da liberação do câmbio:

— E há uma perspectiva de grande crescimento. A queda do PIB será da ordem de 5% este ano, mas sem a desvalorização a economia ficaria mais desaquecida, com um juro real absurdamente alto e uma ameaça de eterna recessão. Isso praticamente quebraria a economia brasileira.

Liberação cambial garante conquistas do Real

Com o câmbio livre, diz o economista, o Brasil vai garantir as conquistas do real (“a abertura comercial e as privatizações”), que estavam em xeque com a ameaça de controles de importações e a falta de estímulo aos estrangeiros.

— A inflação baixa, com o câmbio valorizado, era artificial. Mas o câmbio não é uma panacéia e agora devemos atacar o déficit fiscal. É como se o país fosse um sujeito gordo que resolveu quebrar o cadeado da geladeira e, com isso, vai sair do regime. O Governo deve mostrar que não vai abrir a geladeira e comer todos os doces — alerta. ■